



RUÍNAS E TERRENOS VAGOS

**EXPLORAÇÕES,
REFLEXÕES E
ESPECULAÇÕES**

EDUARDO BRITO-HENRIQUES
CRISTINA CAVACO
MARTA LABASTIDA
(EDS.)



RUÍNAS E TERRENOS VAGOS

**EXPLORAÇÕES,
REFLEXÕES E
ESPECULAÇÕES**

EDUARDO BRITO-HENRIQUES
CRISTINA CAVACO
MARTA LABASTIDA
(EDS.)

Centro de Estudos Geográficos
da Universidade de Lisboa

CA
C
N
C
E

Título

Ruínas e terrenos vagos:
explorações, reflexões e especulações

Editores

Eduardo Brito-Henriques,
Cristina Cavaco,
Marta Labastida

Edição

Centro de Estudos Geográficos
da Universidade de Lisboa

Data de Edição

Junho de 2019

Apoio editorial

Patrícia Monteiro; Pablo Costa

Design Design Glow

Direção de Arte Carolina Basto

ISBN

978-972-636-282-1

Depósito Legal

DL: 456875/19

Autores dos textos

Ana Clara Roberti; Ana Luísa Soares; Cristina Cavaco; Daniel Brandão; Daniel Paiva; Eduardo Brito-Henriques; Estêvão Portela-Pereira; Ivo P. Oliveira; João Rafael Santos; João Sarmiento; Maria Manuel Oliveira; Mário Vale; Marta Labastida; Matthew Gandy; Max Fernandes; Pablo Costa; Paulo Morgado; Rui Pereira; Sónia Talhé Azambuja; Teresa Barata-Salgueiro

Participantes

Afonso Palma Pereira; Aleksandra Szczegieliński; Alexandre Vasconcelos; Alfredo Alves Carvalho; Alice Tovar; Amer Obied; Ana Baptista; Ana Luísa Soares; Ana Margarida Matos; Ana Micaela Marques; Ana Mota; Ana Ramôa; Ana Raquel Silva; Ana Rita Franco; Ana Rita Gonçalves; Ana Rita Silva; Ana Rita Simões; Ana Sofia Santos; André Castanho Correia; André Duarte; André Filipe Rodrigues Duarte; André Fontes; André Ribeiro; André Saraiva; Anita Bozek; António Fernandes; Armando Oliveira; Beatrice Sechi; Beatriz Caldeira; Beatriz Mendes; Beatriz Monteiro; Bernardo Providência; Camila Oliveira; Carla Gonçalves; Carlos Barbosa; Carlos Maia; Carolina Cabezas; Carolina Calmão; Carolina Couto; Carolina Matos; Catarina Breia Dias; Catarina Couto; Catarina Dias; Catarina Oliveira; Catarina Soares; Cátia Dias; Claudia Fernandes; Cláudia Tavares; Cristiana Vasquez-Giuliano; Cristina Castel-Branco; David Cruz; Diogo Araujo; Eduarda Rocha; Eduardo Francisco da Silva; Eleonora Giglio; Eleonora Pavarotti; Emanuel Cavalcanti; Emanuel Santos; Eva Silva; Fábio Barros; Fabrizio Stazzone; Federica Braglia; Fernando Gil Abreu; Filipa Alves; Filipa Lopes; Filipe Ferreira; Flávio Magalhães; Flóra Kaszás; Francesca Dal Cin; Francesco Calabretti; Francisco Calado; Francisco Gerós; Gaetano Pignatiello; Ghadeer Hummeid; Gil Abreu; Gonçalo Machado; Greta Masut; Hannah Reusser; Hélder Oliveira; Helena Lopes; Henrique Mateus; Henrique Moreira; Henrique Pintão; Hugo Abreu; Igor Mogne;

Inês Delgado; Ines Medina Costa; Inês Oliveira; Irina Mariné; Ivo Silva; Joana Canavilhas; Joana Gabriel; João Barata Neves; João Brogueira; João Moreira; João Neves Maryan; João Paixão; João Pernão; Jorge Hernández; José Aguiar; José Fernandes; José Miguel Barradas; José Veludo; Juan Fernandes; Julia Triches; Juliana Balbuena Marques; Kamille Manoy; Katarzyna Bujanowska; Laura Chamorro; Laura Julve; Lúgia Lopes; Lisa Yngwe; Louane Papin; Lucia Baldazo; Lucia Fuentes; Luís Ferreira; Luis Lemos; Mafalda Rijo; Manuel Lima Santos; Maria do Rosário Simões; Maria Francisca Parreira; Maria Fuentes; Maria Portugal; Maria Saiz; Maria Teresa Albiac; Maria Teresa Mègre Pires; Marina Carvalho; Martín Cordoba; Martín Gutiérrez; Martina Cappellini; Maryam Khajeh; Matilde Calado; Michael Brito Silva; Michael Francesco Lo Bianco; Michal Przychodzen; Miguel Batista; Miquel Galmés; Mónica Oliveira; Moraima Enciso; Patrícia Pinto; Patrícia Santos; Paulo Silva; Pedro Mendes; Pedro Pacheco; Pedro Rodrigues; Pedro Rogado; Rafaela Silva; Ricardo Sholl Altschul; Ricardo Silva; Rintaro Yamashita; Rita Chaves Ramos Nunes; Rita Nunes; Rita Santos; Rodrigo Rodrigues; Rosanna Trocchia; Rui Barroso; Rui Pedro Pinto; Ryo Shinohara; Sara Batista; Sara LeBlanc; Sara Venda; Sofia Lacerda; Taisa Mukha; Tânia Araújo; Tânia Ferreira; Tania Mulia; Tasmin Neumann; Teresa Pires; Thomas Lauwers; Tim Badiuk; Tom Celbert; Valentina Serdino; Vera Neves; Victor Guillen; Zosia Fedorów



Prefácio p. 08
Matthew Gandy

**Introdução, ou a memória
de um projeto** p. 10
Eduardo Brito-Henriques

A



Explorar

1. Mapeamento e estatísticas p.16

Paulo Morgado, Mário Vale

2. Lugares p.23

Eduardo Brito-Henriques, Ivo P. Oliveira, Marta Labastida, Pablo Costa, Rui Pereira

3. Ecologias. Para um reforço da estrutura ecológica urbana p.32

Ana Luísa Soares, Sónia Talhé Azambuja, Estêvão Portela-Pereira

4. Apropriações. Achados, diálogos e percepções: a vida informal das ruínas p.36

João Sarmento, Rui Pereira

B

Experimentar e refletir**1. A partir de HUBERT ROBERT: da ruína como campo indeciso** p.44

Maria Manuel Oliveira

2. Mapeando sonoridades p.49

Daniel Paiva

3. Edifício-cortina, edifício-tela p.51

Ana Clara Roberti, Daniel Brandão

4. A experiência do abandono documentado em vídeo p.53

João Sarmento, Rui Pereira

5. Bosque p.56

Max Fernandes

C

EspecularCristina Cavaco, Ivo P. Oliveira,
João Rafael Santos, Marta Labastida**Transitoriedade** p.60**Indeterminação** p.63**Informalidade** p.65**Reciclagem** p.67**Renaturalização** p.69**Imaterialidade** p.72**Participação** p.74**Porosidade** p.77**Conectividade** p.80**Posfácio** p.84

Teresa Barata-Salgueiro

LUGARES

■ Eduardo Brito-Henriques*, Ivo P. Oliveira**, Marta Labastida**, Pablo Costa***, Rui Pereira**



- 23 -

TERRITÓRIOS FERROVIÁRIOS _ BARREIRO

Terreno de c. 64 620 m² localizado na União das Freguesias do Alto do Seixalinho, Santo André e Verderena, propriedade da CP – Comboios Portugal, com 7 estruturas em ruínas, incluindo alguns troços e ramais de caminho de ferro. A ocupação deste espaço remonta a 1857 e está ligada à afirmação do Barreiro como testa das linhas de Sul e Sueste. Em 1884, instalaram-se as oficinas de reparação e foram criados os Armazéns dos Despachos e o Telheiro de Mercadorias. De 1886 data a estrutura mais original deste conjunto - a Rotunda da Oficina -, com capacidade para 20 locomotivas e um *charriot*. Em 1912, a Associação dos Bombeiros Voluntários instalou-se no rés-do-chão do edifício dos Escritórios da Via e Obras, cedido pela CP.

O abandono da maior parte destas estruturas reflete a perda de importância do Barreiro como nó ferroviário ao longo dos

dois últimos decénios. Em 2008 fechou a Estação Sul-Sueste, e por essa altura foi abandonada a maior parte dos armazéns assim como a Rotunda da Oficina. No mesmo ano, a Associação dos Bombeiros Voluntários mudou-se para o novo quartel-sede, deixando o edifício abandonado. Desde então, os edifícios degradaram-se, alguns foram vandalizados e um sofreu um incêndio. Em 2015, a Associação para o Desenvolvimento das Artes e Ofícios (ADAO) ocupou o antigo edifício dos bombeiros, iniciando um interessante processo de reconversão para fins culturais que, todavia, se mantém restrito a esse edifício.

Parte das estruturas encontram-se em vias de classificação pela DGPC. Actualmente a área está a ser utilizada apenas, em parte, como corredor ferroviário, encontrando-se a maior parte das construções em ruínas.



TERRITÓRIOS INDUSTRIAIS _ BARREIRO

Trata-se de um vasto lote com área total de c. 174 800 m² localizado na Rua Industrial Alfredo da Silva, na União das Freguesias do Barreiro e Lavradio, que inclui um grande terreno vacante e 12 edificações em ruínas. Adquirido em 1906 pela CUF – Companhia União Fabril - à firma Bensaúde & C^o, teve, desde 1908 em diante, uma intensa ocupação fabril. Este espaço albergou a fábrica de superfosfatos da CUF, uma unidade de eletrólise do cobre, moagem de fosforites, armazéns e uma fábrica de ácido sulfúrico. Esta atividade ligada à indústria pesada manteve-se até à década de 1980, traduzindo-se numa densa ocupação física do espaço. Depois dessa data, começou a desindustrialização, ligada ao desmantelamento do complexo industrial da CUF/QUIMI-

GAL. As fábricas cessaram a sua atividade e muitos dos espaços de armazenagem existentes no local deixaram de ser usados. Em 2009, a empresa pública Baía do Tejo SA passou a gerir os territórios com o intuito de rentabilizar os espaços e descontaminar os solos. Procede-se então à demolição da maior parte das edificações e outras estruturas instaladas no terreno, restando poucos resquícios. Formou-se assim um enorme terreno vago, pontuado por algumas construções em ruínas. A Câmara Municipal do Barreiro e a Baía do Tejo divulgaram em 2010 um projeto de Plano de Urbanização da Quimiparque, produzido em parceria com o Atelier Risco, que previa um grande parque urbano central e habitação.

- 24 -



CONJUNTO INDUSTRIAL DA CALDEIROA _ GUIMARÃES

O conjunto industrial de Caldeiroa corresponde a um enorme quarteirão com uma área aproximada de 93 465 m² compreendido entre a Avenida Afonso Henriques, a Rua do Colégio Militar e a Rua da Caldeiroa. Situado na freguesia de Urgezes, compõem-no um conjunto de ruínas de três fábricas do sector têxtil do início do século XX: a Fábrica de Fiação e Tecelagem do Cavalinho, a Fábrica de Fiação e Tecidos do Arquinho, e a Fábrica Jodimonte. No interior do quarteirão, entre as ruínas das antigas fábricas, encontra-se um vasto terreno vacante com uma área aproximada de 35 746 m² preenchido por vegetação espontânea. A Fábrica do Arquinho foi fundada em 1913 pelos irmãos

Pereira de Lima, mantendo-se ativa até aos anos 1980. A Fábrica do Cavalinho data de 1923. Manteve-se em atividade ao longo de praticamente todo o século, chegando a empregar cerca de 900 pessoas nos anos 80, altura em que foi construído um grande pavilhão em betão armado (1983). Pouco tempo depois, a sociedade faliu e a fábrica encerrou em 1993. Em 2011, deflagrou um incêndio no local que fez ruir vários pavilhões e outros viram o seu processo de decadência acelerado. Atualmente todo este conjunto de fábricas em ruínas e logradouros abandonados, assim como outros lotes do quarteirão, estão na posse do mesmo proprietário.



LOTEAMENTO DA BOAVISTA _ GUIMARÃES

Terreno vacante com uma área total de aproximadamente 36 302 m², correspondente a um loteamento inacabado na Rua da Boavista, na freguesia de Urgezes, Guimarães. O loteamento da Boavista resultou do parcelamento e urbanização de uma antiga quinta agrícola com o mesmo nome. O projeto inicial considerava a construção de oito edifícios de habitação coletiva, com espaços comerciais, e cinco lotes para habitação unifamiliar. O pedido de licenciamento data de 1999 e foi feito pelo proprietário do terreno, Esquível Braga Costa – Socieda-

de Imobiliária, Lda. Uma primeira etapa de implementação foi realizada entre 2003 e 2006, altura em que se fizeram as obras de urbanização (arruamentos e infraestruturas) e se contruiu o único bloco de habitação coletiva que foi edificado, com 30 fogos. Em redor dessa construção ficou um terreno vacante que ao longo da última década tem sido ocupado por vegetação espontânea. Em finais de 2018, numa fase já muito avançada do trabalho de campo, iniciou-se a construção de mais dois edifícios de habitação colectiva.

- 25 -



LOTEAMENTO DE PEVIDÉM _ GUIMARÃES

Trata-se de um loteamento de c. 3 502 m², localizado na freguesia de São Jorge de Selho, em Pevidém, Guimarães. O projeto de loteamento remonta a 1979. Foram iniciadas obras para a construção de 10 fogos (2 habitações bifamiliares e 6 habitações unifamiliares), mas que não foram concluídas. As obras de infraestruturização também não foram realizadas no prazo

previsto, só terminando em 1984. Depois disso, nenhuma outra obra foi realizada, apesar da emissão de alvarás durante os anos 2000. O loteamento tem uma posição privilegiada topograficamente, oferecendo vistas alargadas sobre Pevidém, e está limitado a norte por uma extensa área de floresta, também com fortes sinais de abandono.



PLURIFAMILIAR DA ARCELA _ GUIMARÃES

Bloco de habitação coletiva inacabado ocupando uma área total de aproximadamente 1 570 m², localizado na Rua da Arcela, freguesia de Azurém, Guimarães. É limitado a norte pela circular urbana (EN 101) e a sul pela área central da cidade. Forma parte das áreas de expansão da cidade que ocuparam a freguesia de Azurém em finais do século XX, beneficiando da proximidade ao Campus de Azurém (Universidade do Minho). O edifício insere-se num conjunto de vários blocos semelhantes, dispostos paralelamente no terreno, encontrando-se os restantes concluídos e habitados. O projeto para a construção deste edifício de habitação plurifamiliar com 48

fogos distribuídos por 5 andares e com piso de estacionamento foi licenciado em 1999. O edifício deveria ter sido concluído até junho de 2004, no entanto as obras atrasaram-se e os trabalhos acabaram por ser surpreendidos pela crise de 2008. A construção ficou inacabada, com a estrutura de betão exposta e as paredes de alvenaria sem acabamentos. O edifício configura, portanto, uma “ruína reversa”, i.e. um edifício que ficou em ruína mesmo antes de estar terminado, encontrando-se nessa situação há mais de dez anos. No entanto, há a intenção de retomar a obra num curto prazo de tempo, pelo que a condição ruínosa parece ser transitória.

- 26 -



AQUAPARQUE _ LISBOA

Terreno com 52 334 m² localizado na Rua do Colégio de São José, Restelo (freguesia de Belém), nos limites do Parque Florestal do Monsanto, com uma parte de solo artificializado e 4 construções em ruínas. O espaço acolheu um parque aquático (Aquaparque), inaugurado em 1989, por cedência do direito de superfície de uma parcela de 18 ha do Parque Florestal de Monsanto a favor de uma sociedade privada que estaria encarregue de construir e explorar o equipamento. Após alguns breves anos de sucesso, o parque foi fechado em 1993, na sequência de um acidente mortal que vitimou duas crianças nas tubagens de uma das piscinas. As piscinas e os escorregas foram desmantelados e retirados, ficando apenas no local os edifícios de apoio. Em 1997, houve a tentativa de reativar o espaço, cedendo o direito de superfície à empresa Aventuras em Lisboa para a construção de um parque

de diversões, o que não ocorreu. Em 2008 a Câmara Municipal de Lisboa recuperou a posse do espaço e, em 2013, o Tribunal Administrativo de Lisboa ordenou que se fizessem as operações necessárias para a reposição da situação existente em 1987, devolvendo 9 ha ao Parque de Monsanto. O processo de renaturalização foi concluído em 2017, tendo sido instalado nessa área um pequeno parque infantil, mas a maior parte do terreno e as construções existentes permaneceram abandonadas e em ruínas. Em 2018, com o trabalho de campo do NoVOID em fase já muito avançada, a Direção Municipal de Projetos e Obras iniciou procedimentos para a construção do Restelo EccoLab, um equipamento de diversão juvenil outdoor e indoor de acesso público. Atualmente o sítio está sob a gestão e propriedade da Direção Municipal da Estrutura Verde, do Ambiente e Energia.



QUINTAS URBANAS NA AJUDA _ LISBOA

O espaço, também conhecido por Pátio das Damas, é um grande lote maioritariamente vago, com área total de c. 31 090 m², localizado na Rua Dom Vasco, imediatamente a sul do Palácio Nacional da Ajuda. No extremo sudeste do lote, confinando com as Rua Dom Vasco e Rua da Bica do Marquês, restam 2 construções em ruínas, organizadas em torno de um pátio. As construções existentes remontam ao século XVIII, tendo inicialmente um uso residencial. O local serviu de residência ao Marquês de Pomal entre 1753 e 1758 e foi alojamento das damas da corte, razão do nome por que são conhecidas as construções. Na década de 1940, o local já estava parcialmente em ruínas, embora a maioria das edificações possuísse inquilinos. O facto do lote se encontrar na zona de proteção do Palácio Nacional da Ajuda impediu a transformação da quinta em prédios de rendimento, como os proprietários pretendiam. Em 1995, foi aprovado o Plano de Por-

menor da Zona Envolvente do Palácio Nacional da Ajuda, onde estava incluído o terreno. Uma derrocada ocorrida em 1997 obrigou ao realojamento de alguns inquilinos. Um auto do mesmo ano confirmou a insegurança e insalubridade dos fogos. Em 1998, após intimação do proprietário para realização de obras, este alegou que a reconversão era dificultada pela existência do Plano de Pormenor, que limitava a possibilidade de valorização imobiliária. Entre 2000 e 2003, a propriedade passou para um fundo de investimentos (Maxirent). Em 2011, foi firmado um contrato entre a Câmara Municipal de Lisboa e esse fundo de investimentos para elaboração de um Plano de Pormenor. O desenho da nova urbanização recebeu parecer favorável em 2017 da Direção Geral do Património Cultural e obras de demolição da única edificação ainda com moradores tiveram lugar no final de 2018, restando hoje poucas edificações em estado avançado de ruína.

- 27 -



PALÁCIO CONDES DA RIBEIRA GRANDE _ LISBOA

O local corresponde a um edifício abrasonado em ruínas, com grande desenvolvimento horizontal ao longo da Rua da Junqueira (freguesia de Alcântara), situado num lote de aproximadamente 7 395 m². O edifício começou por ser a casa do 2º Marquês de Nisa, concluída em 1701, tendo sido vendida em 1730 a D. José Zarco da Câmara, 4º Conde da Ribeira Grande. O palácio manteve uso habitacional nessa família até 1930, passando então a funcionar como equipamento de educação privado. Em 1939

instalou-se no edifício o Liceu D. João de Castro, substituído pelo Liceu Rainha D. Leonor em 1963, que aqui funcionou até 2002. O edifício é, desde 1999, propriedade do Grupo Fibeira e está incluído no Plano de Pormenor do Centro de Congressos de Lisboa. O plano foi aprovado em 2009 e o processo de licenciamento das obras está em curso. De acordo com o projeto, o Palácio Condes da Ribeira Grande, atualmente devoluto, será transformado num Museu-Hotel de cinco estrelas.



CINEMA PARIS _ LISBOA

Edifício moderno em ruínas, de estilo *art déco*, ocupando quase integralmente um lote de c. 1 115 m², localizado na Rua Domingos Sequeira, freguesia da Estrela. A instalação do cinema neste edifício data de 1931. A sala de cinema, propriedade da Sociedade Geral de Cinemas, tinha capacidade para 885 lugares divididos entre plateia, balcão e camarotes. No edifício existia ainda um pequeno apartamento para o fiel do cinema e respetiva família. Na década de 1950, o edifício passou por obras de ampliação e melhoramentos que permitiram que a sala pudesse acolher, além de cinema, outros espetáculos e festas. A partir da década de 1970, com a diminuição do público e a concorrência da TV e das salas nos centros comerciais, o Cinema Paris entrou em dificuldades. A última exibição viria a ocorrer em 20 de outubro de 1981 (Esquadrão Antidroga). Em 1993, a Sociedade Geral de Cinemas submeteu à Câmara Municipal de Lisboa um estudo para a construção de um novo edi-

fício em substituição do existente (habitação coletiva e comércio, em 7 pisos), mas a CML, apesar de aprovar a viabilidade, concluiu que a solução arquitectónica deveria contemplar a manutenção dos valores formais do imóvel. Em 1997, a Companhia Lidl Portugal manifestou intenção de instalar uma loja de produtos alimentares no local, mantendo a tipologia existente e realizando alterações no interior do edifício. A proposta não teve sucesso e, no mesmo ano, a empresa NCI – Novas Construções Imobiliárias adquiriu o espaço e apresentou um novo projeto, na expectativa de que fossem resolvidas pendências anteriores, mas o IPPAA viria a chumbar o projeto. Uma autorização de demolição do imóvel chegou a ser emitida pela CML em 2002, mas uma deliberação posterior suspendeu as obras, em resposta a um parecer técnico elaborado pelo LNEC informando que o edifício era recuperável. O edifício está atualmente sem uso e o seu futuro é indefinido.

- 28 -



TINTURARIA PORTUGÁLIA _ LISBOA

Edifício arruinado, de tipologia industrial, num terreno de aproximadamente 3 955 m², localizado na Estrada de Chelas (freguesia da Penha de França). O núcleo edificado original remonta ao início do século XVIII, mas a maioria das suas atuais estruturas são do século XX. O primeiro registo documentado data de 1888, quando se projetou a sua ampliação com a construção de um novo edifício de dois pisos para habitação. Entre 1918 e 1920, foram feitas obras de melhoria e ampliações, ainda como fábrica de lanifícios. Posteriormente, na década de 1930, o edifício viu alterar o seu ramo de atividade, passando a aco-

lher a fábrica de farinha Amidex. No final da década de 1940, o edificado voltou a ser destinado à produção têxtil, recebendo uma fábrica de tinturaria e estampagem de tecidos. Apesar de diversos proprietários e sucessivos usos, o complexo é conhecido ainda hoje como “Tinturaria Portugália” devido à presença de um letreiro de azulejos com letras desenhadas num dos muros. Uma pequena parte do complexo está a ser utilizado (na frente para a Rua Gualdim Pais), mas as suas edificações principais estão devolutas e encontram-se em avançado estado de degradação.



PANORÂMICO DE MONSANTO _ LISBOA

Edifício em ruína implantando num terreno de aproximadamente 6 755 m², localizado na Estrada da Bela Vista, em pleno Parque Florestal do Monsanto (freguesia de Benfica). O Arq. Keil do Amaral, responsável pela planificação do Parque Florestal, tinha concebido para este local, logo em 1938, um restaurante, agregando-o a um teatro ao ar livre e a um miradouro. A implementação do seu projeto, desenvolvido ao longo da década de 1940, não contemplou a construção do restaurante. Em 1961, o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Gen. António França Borges, escolheu o arquitecto camarário Chaves da Costa para novo projecto. As obras iniciaram-se em 1964 e a inauguração ocorreu

em 1970, após contrato de exploração firmado em 1968. Entre 1970 e 2001, o local foi utilizado apenas esporadicamente como restaurante, e somente em 1984 e 1985, após obras de adaptação que permitiram novos usos (discoteca e sala de bingo), funcionou a tempo inteiro. O Panorâmico foi encerrado em 2001, passando a ser usado informalmente como miradouro e por urbexers. Em 2017, foi feita a limpeza e a reabertura do Panorâmico ao público como miradouro, sob gestão da Câmara Municipal de Lisboa. Não são conhecidos projetos para o futuro e o local começou a ser utilizado, esporadicamente, para a realização de eventos, designadamente festivais.

- 29 -



FÁBRICA DE GÁS DA MATINHA _ LISBOA

Extenso lote de aproximadamente 209 575 m², localizado na Rua da Cintura do Porto de Lisboa, na freguesia de Marvila, maioritariamente vago, onde pontuam 16 construções em ruínas. A ocupação do espaço remonta a 1938, quando se iniciaram os aterros no Tejo e começaram os trabalhos para a instalação de uma fábrica de gás. Esta seria inaugurada em 1944. Durante as décadas de 1940 e 50 foram feitas importantes obras de ampliação, com a construção de novos gasómetros. Quase todo o lote chegou a estar ocupado por instalações de transformação de carvão em gás de cidade. Na década de 1960, com o início da produção de gás de cidade a partir de petróleo, foram encerrados os fornos de destilação e várias estruturas começaram

a ser abandonadas. Aos poucos, a Fábrica de Gás da Matinha foi perdendo atividade. O encerramento definitivo, porém, veio a ocorrer apenas em 2001. Em 2005, o Plano de Pormenor da Matinha previu a destruição de todas as estruturas da fábrica com exceção de 3 gasómetros. Uma importante campanha de demolições ocorreu em 2007, mas ainda se mantém no terreno diversas edificações e 4 gasómetros. O terreno está hoje maioritariamente na posse de um fundo de investimento do Novo Banco (FIMES Oriente). Para o seu futuro está projetada uma zona de usos mistos, com forte característica habitacional. Prevê-se que os gasómetros sejam utilizados por uma unidade hoteleira, permeados por uma estrutura verde.



LOTEAMENTO DA LAGE _ VIZELA

Área total do loteamento de c. 588 m², localizado na freguesia de Caldas de Vizela, em Vizela. É de 1995 o pedido inicial de licenciamento para a construção de um bairro com seis habitações unifamiliares em banda. Porém, só em 2001 viria a ser concedido alvará para a execução do loteamento. Uma primeira fase de obras teve início em 2003.

Começou-se a edificar a unidade, mas esta nunca chegou a ser terminada, tendo ficado em tijolo. O empreendimento foi interrompido e está abandonado desde 2004. Pela sua situação, facilidade de acesso, e pelas características morfológicas do conjunto, algumas partes do edifício são usadas pelos vizinhos como arrecadação numa base informal.

- 30 -



CASA AZUL _ VIZELA

É uma habitação unifamiliar em ruínas com logradouro, ocupando um lote de aproximadamente 555 m² numa área bastante central da cidade de Vizela (Avenida Abade Tagilde, freguesia de Caldas de Vizela). O edifício, da viragem do século XIX, tem várias ressonâncias da arquitetura colonial brasileira e foi moradia

de diversas famílias desde a sua construção. A migração para as grandes cidades ditou o abandono do espaço. A casa está desabitada desde 2010. A actual proprietária, moradora em Lisboa, aguarda uma boa oportunidade de negócio para realizar mais-valias com a sua venda.



CONJUNTO INDUSTRIAL DO RIO VIZELA _ VIZELA

Trata-se um grande lote de aproximadamente 4 964 m², localizado na freguesia de Caldas de Vizela, mesmo no centro da cidade, bordejado pelo Rio Vizela e próximo dos equipamentos termais, onde se encontram as ruínas de um antigo edifício de tipologia industrial. O conjunto industrial, mais extenso no passado, era composto inicialmente pelas fábricas de confecções Caravela, Velero e Sedas Vizela. As três fábricas dispunham-se em terraços sobre a margem do Rio Vizela. Parte do conjunto foi ocupado por outras construções e desapareceu. Sobrevive hoje a ruína da Fábrica

Caravela, com algumas partes completamente demolidas e colonizadas por vegetação espontânea, restos de solo impermeabilizado, e um conjunto de sistemas e mecanismos hídricos em ruína que geravam antigamente energia. Do conjunto emerge uma chaminé industrial ainda em pé. O lugar em questão tem grande impacto nas memórias privadas e coletivas da população e modela fortemente a identidade local, já que sucessivas gerações de famílias vizelenses tiveram a sua biografia ligada a este conjunto de fábricas e nele chegaram a ter emprego 1 500 trabalhadores.